

## APRESENTAÇÃO

É com satisfação que apresentamos a seção Artigos da *Revista JIOP*, que reúne textos resultantes dos minicursos, palestras e mesas-redondas da *1ª Jornada Interartes Outras Palavras* – um evento do **Projeto Outras Palavras**, que inclui ainda um programa de rádio (apresentado na UEM-FM 106,9), a *Revista Outras Palavras* (<http://outraspalavras.arteblog.com.br>) e o *Sarau Outras Palavras* (evento de música, teatro e poesia), além de um perfil (Marciano Lopes – Projeto Outras Palavras) e uma comunidade no Orkut. Nesta seção, assim como na 1ª JIOP, resolvemos privilegiar a reflexão acadêmica sobre literatura comparada a outras artes. Para isso, reunimos oito textos que tratam da relação entre literatura, teatro, pintura, cinema e música.

O primeiro texto, “Brecht: estranhamento e aprendizagem”, de Eduardo Fernando Montagnari, registra reflexões a respeito do teatro dialético de Bertolt Brecht que nortearam seu trabalho como dramaturgo e diretor do *Teatro Universitário de Maringá* (TUM). Para isso, discorre sobre o princípio de estranhamento na construção do texto “A exceção e a regra”, de Brecht, apresentado várias vezes pelo TUM sob sua direção. Dialogando com Montagnari, em “Literatura e teatro: encontros e desencontros formais e históricos”, Alexandre Villibor Flory tece relações entre os gêneros dramático e épico, mais especificamente entre teatro e romance, uma vez que, desde o século XVIII, esse é o gênero por excelência da época burguesa. Fundamentando-se especialmente em Adorno, discute como o teatro e o romance de vanguarda têm lutado contra o “encurtamento da *distância estética*”, procedimento apontado como característico da arte burguesa. Estabelecendo considerações entre uma dialética das formas literárias e o processo social, Flory observa uma aparente contradição sobre a maneira como cada um dos dois gêneros modificou-se ao longo do século XX com o objetivo de romper com a ilusão de realidade e, desta forma, ampliar a *distância estética* do leitor/espectador com relação à arte. Aparente contradição porque o rompimento com o narrador objetivo do romance realista encontra paralelo na inserção de um narrador objetivo no teatro épico brechtiano. Ambos procedimentos rompem com a ilusão de realidade ao mesmo tempo em que provocam um distanciamento (ou estranhamento) no receptor, condições necessárias para se evitar o potencial alienante da catarse ou, quando menos, do envolvimento passional de quem recebe a obra. Após essa discussão, encerra seu texto pensando a

situação e o papel do teatro em nossa contemporaneidade. Talvez para surpresa de muitos, considera que, apesar de seu menor alcance (em números de espectadores) e das difíceis condições de sua produção, o teatro está mais próximo de sentir a temperatura e a pressão do tempo histórico e interagir de forma mais crítica com o seu público do que outros gêneros com maior alcance de público.

O terceiro texto, de Clarice Zamomaro Cortez – “A narrativa e as ilustrações nas *Metamorfoses*, de Ovídio: leitura do texto e da imagem” – trata, conforme indica o título, da relação entre literatura e imagem na citada obra de Ovídio, mas, antes disso, traça uma extensa retomada teórica dos problemas epistemológicos que cercam o desejo de pensar ambas comparativamente. Neste percurso, que inicia nos séculos XV e XVI, Clarice Cortez destaca especialmente as considerações de Vítor Aguiar e Silva e Mário Praz no intuito de defender o comparatismo frente aqueles que consideram que tal aproximação seria perigosa ou mesmo errônea na medida em que tratam de diferentes artes com diferentes especificidades de linguagem.

Na sequência do texto de Clarice Zamomaro Cortez, temos quatro textos que tratam das relações entre literatura e cinema. O primeiro, de Marisa Corrêa da Silva, “O kitsch em *Romeu e Julieta*: Lührman e Shakespeare”, discute inicialmente as diferenças entre adaptação e transcrição para depois apresentar um estudo sobre a adaptação da obra de Shakespeare por Baz Luhrman, estudo cujo foco da análise recai sobre a presença do kitsch no filme. Segundo ela, o filme *Romeu + Juliet* mantém a história e trama originais, porém atualiza o texto para o momento histórico da filmagem. Ao fazê-lo, a adaptação de “Baz Luhrmann joga com o universo shakespeariano e o mundo contemporâneo de forma sempre dúplice: ora através da recuperação dos elementos elizabetanos (...), podendo ser lida como homenagem ao universo do criador seiscentista, ora como degradação dos mesmos através do *kitsch*”. Sua análise, embora breve e concisa, demonstra o caráter ambíguo da obra em questão e, por extensão, da estética pós-moderna, que abole as fronteiras entre alta e baixa cultura, incorporando tanto a literatura clássica quanto a linguagem da propaganda, às vezes de forma crítica, às vezes de forma alienante.

No segundo texto que trata da relação literatura e cinema, “Romance e cinema: aliados na (re)construção da identidade nacional”, Margarida da Silveira Corsi pretende demonstrar que a adaptação cinematográfica do romance de Alencar retoma e (re)constrói dados da identidade nacional romântica, o que pode ser analisado sob dois aspectos: 1) o da intertextualidade concernente à retomada de elementos característicos da brasilidade oitocentista, com a transposição de imagens da floresta

tropical e do indígena, por exemplo; e 2) o do deslocamento de sentido que leva à ampliação do conceito de nacionalidade. Para demonstrar a validade de sua primeira hipótese, Margarida Corsi opta pela análise do espaço que, a seu ver, carrega o projeto da gênese da identidade nacional romântica em descrições pungentes do narrador alencariano, o que também é perceptível em detalhes alcançados pelo ponto de vista do narrador-câmera.

No terceiro texto, “Literatura e cinema na sala de aula: uma análise da tradução cinematográfica de *O cortiço*”, Marciano Lopes e Silva também discute as relações entre literatura, cinema e identidade nacional. Mas, diversamente de Margarida Corsi, que trabalhou com uma obra literária do romantismo, ele se volta para o estudo da tradução cinematográfica de uma obra do naturalismo com a finalidade de ilustrar uma proposta de estudo da literatura comparada ao cinema em sala de aula, seja no ensino médio ou universitário. Após traçar considerações sobre o uso do cinema nas classes de literatura e apresentar possíveis formas de estudo comparado em sala de aula, ele ilustra uma delas apresentando a análise comparada do romance de Aluísio Azevedo com o filme dirigido por Francisco Ramalho Junior. Ao fazê-lo, tendo como foco a questão do determinismo, destaca os diferentes procedimentos de composição do personagem Jerônimo e da ambientação em ambas as obras. Por fim, tece considerações sobre a importância de se considerar o tempo histórico e as condições de produção de cada obra de modo a melhor compreendê-las.

O quarto texto que envolve relações entre literatura e cinema é “*Sexto sentido, Corpo fechado e Sinais – filmes dentro das teorias literárias*”. Nele, Fábio Pierini discute o conceito de fantástico e, para exemplificar os problemas que o cercam, analisa três filmes do diretor Night Shyamalan. Ao fazê-lo, procura demonstrar que eles se encaixam perfeitamente dentro do que se pode classificar como narrativa fantástica segundo as teorias do gênero existentes nos estudos literários. Segundo Pierini, em todas as narrativas ocorre a ambiguidade das situações – que podem tanto ser entendidas como um conflito entre o natural e o sobrenatural, o real e o irreal, a razão e a desrazão – e a instauração do mistério, que pode ser solucionado ou não ao fim da narrativa.

Para finalizar a seção, apresentamos mais um estudo que desenvolve reflexões sobre arte e identidade nacional, desta vez relacionando a literatura à música e ao teatro. Em “O inconstituído nacional sob uma perspectiva culturalista: a *contracultura tropical*”, Patrícia Marcondes de Barros discute a importância do

movimento tropicalista para a crítica à ideologia do caráter nacional brasileiro. Ao fazê-lo, inevitavelmente recupera a importância que o Modernismo e especialmente a Antropofagia tiveram para a constituição do movimento tropicalista, permitindo-nos vê-los, senão como fundadores da contracultura tropical, ao menos como aquela pitada de tempero nacional às posições da contracultura no Brasil.

Marciano Lopes e Silva